

EXTENSÃO TECNOLÓGICA — UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL COM RELEVANTES IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS

*Pedro Henrique Isaac
Luiz Afonso Bermudez
Marina Campos Dessen
Anne Augusta Affiune*

RESUMO

Este artigo trata da extensão universitária e tecnológica e do enquadramento dos projetos do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília como agente articulador e executor de ações que visam à promoção da cooperação entre universidades, governo e sociedade. Para tanto, baseando-se nas definições do Plano Nacional de Extensão Universitária e do Manual de Oslo, entende-se que as atividades desenvolvidas no âmbito dos projetos de extensão do CDT e com foco para inovação, enquadram-se no conceito de extensão universitária e tecnológica. O impacto dessas atividades vem contribuindo, de forma direta ou indireta, para o desenvolvimento de novos produtos/serviços, o fomento à atividade empresarial e a capacitação da comunidade acadêmica e da sociedade quanto ao empreendedorismo e à inovação.

Palavras-chave: empreendedorismo; inovação; extensão universitária; extensão tecnológica

ABSTRACT

This article describes the projects of the Center of Support of Technological Development at the University of Brasília and their relation to the university and the technology extension. This Center acts as an articulator and executor of actions that aim the cooperation among university, government and society. Based on the concepts of the National Plan of University Extension and the Oslo Manual, it is considered that the extension activities developed in the Center conform to the concepts of university and technology extension. The impact of those actions have either a direct or an indirect impact on society, contributing to the elaboration of new products/services, development of businesses and qualification of the academic community and the society in the area of entrepreneurship and innovation.

Keywords: entrepreneurship; innovation; university extension; technology extension

Ao completar cinquenta anos, a Universidade de Brasília continua a enfrentar o seu maior desafio, ser a universidade brasileira da ousadia, da inovação. Este desafio acompanha a UnB desde sua criação. É a utopia imaginada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira e tantos outros seus contemporâneos que lutaram por construir uma universidade nova no coração da capital do país. A inovação faz parte do espírito fundante da UnB e deve continuar sendo agora a sua célula motriz.

Darcy Ribeiro costumava dizer que a UnB deveria ser uma universidade-semente, ou seja, deveria ser o germe do desenvolvimento de um país que carecia de desenvolvimento, e não fruto de um país desenvolvido. Para tanto, precisava ter o Brasil como grande fonte de inspiração. A UnB deveria pensar no Brasil como problema. Ao fazer isso como prática de todas as suas áreas de conhecimento, a UnB poderia ajudar no desenvolvimento de nosso país. Pensar no Brasil como problema, buscar alternativas e soluções e colocá-las em prática, eis o espírito empreendedor que se persegue na UnB desde sua criação.

Para isso, não há caminho melhor que a extensão. A extensão universitária se constitui como a atividade por excelência que permite, a partir da interação acadêmica com a sociedade, se pensar no Brasil como problema. Com a extensão, modificamos o ensino e a pesquisa, contribuimos para transformar a própria universidade. A extensão não deve ser vista meramente como o serviço que a universidade retorna à sociedade, mas também e, principalmente, como uma atividade acadêmica que traz questionamentos ao que se ensina e ao que se produz de conhecimento dentro da universidade. Não há extensão sem pesquisa. Não se pode pensar, também, na extensão dissociada da formação dos seus estudantes. Extensão é inovação pedagógica e gera inovação na pesquisa.

É nesse espírito de inovar e de fomentar a inovação dentro da universidade e também fora dela que foi criado o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT), em 1986, e, ao longo dos anos, todos os diversos programas que fazem parte deste centro. O CDT tem buscado se constituir como mais uma ferramenta que promove a extensão dentro da universidade. Podemos dizer que a extensão é o seu principal eixo de atuação. Por se constituir como a unidade gestora da universidade responsável pela transferência de tecnologia, prestação de serviços tecnológicos e promoção da interação da universidade com entidades empresariais e da sociedade civil, percebe-se esta vocação extensionista do CDT e a importância que ele possui para toda a universidade. Estudantes, professores e pesquisadores das diversas áreas da UnB atuam no CDT buscando desenvolver projetos que deem retorno não só à sociedade, mas também à própria universidade.

Este artigo visa empreender uma reflexão acerca da extensão e de como o CDT busca, a partir de sua lógica de atuação, propiciar à universidade e à sociedade uma interação que gere inovação e tecnologia capaz de contribuir para o desenvolvimento do país, tal como preconizado por Darcy Ribeiro enquanto missão para a Universidade de Brasília.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EXTENSÃO TECNOLÓGICA

Introduzido nos Estados Unidos ainda no século XIX para as chamadas *Land Grant Universities* – universidades criadas em terras doadas aos estados pelo governo federal e que tinham como obrigação apoiar e orientar os produtores rurais locais – o conceito de extensão foi mais tarde identificado aos cursos de caráter não regular oferecidos à comunidade externa.

Já no Brasil, a extensão universitária teve como marco inicial as atividades desenvolvidas na Universidade Livre de São Paulo, no período de 1911 a 1915. Estas ações se concretizaram na oferta de palestras e conferências intituladas como “lições públicas”, o que já caracterizava uma consciência da instituição para a necessidade de difusão do conhecimento.

Diversas reflexões e debates realizados na comunidade acadêmica contribuíram para a consolidação da metodologia e para a evolução dos conceitos de extensão universitária. Contribuíram também para esse amadurecimento os diversos movimentos sociais ocorridos nos anos 50 e 60, liderados pelos estudantes universitários, e que definiram a área de extensionismo por meio da promoção de movimentos políticos e culturais. Outros movimentos sociais e políticos promoveram o fortalecimento da sociedade civil, o que possibilitou pensar em novas concepções de universidades, onde as populações poderiam participar como sujeitos nas pesquisas realizadas e não somente como espectadores.

O atendimento às constantes e crescentes demandas por parte da sociedade foi concretizando a função social das instituições de Ensino Superior. Com isso, a extensão passa a assumir um caráter interdisciplinar, integrando grupos de diversas áreas do conhecimento, contribuindo para a modificação progressiva da forma de fazer ciência, para a transmissão do conhecimento gerado e promovendo a integração social e o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do país.

Hoje, o conceito evoluiu e está assim descrito pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (Plano Nacional de Extensão, 2001, p. 5).

De forma complementar, Silva Filho (2001), entende que a ampla variedade de ações de extensão deve ter impacto direto no desenvolvimento socioeconômico, científico e cultural da sociedade. Assim, é importante ressaltar, a partir dessas concepções que predominam no universo acadêmico brasileiro, que a extensão é indissociável da pesquisa e do ensino, uma vez que ela é “prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da maioria da população” (PNEU, 2001). Portanto, não há como se falar em extensão dissociada de ensino e pesquisa.

Ao mesmo tempo, por ser o elo entre a sociedade e universidade e por se constituir de serviços prestados a diferentes grupos da sociedade civil, a extensão se configura como importante política pública de Estado e exige uma ação governamental amplificada, a partir do envolvimento de diversos entes, governamentais ou não governamentais. Como defende Boaventura de Souza Santos:

A extensão é uma área que, para ser levada a cabo com êxito, exige cooperação intergovernamental entre, por exemplo, Ministros da Educação, do Ensino Superior e Tecnologia, da Cultura e das Áreas Sociais. A extensão envolve uma vasta área de prestação de serviços e os seus destinatários são variados: grupos sociais populares e suas organizações; movimentos sociais; comunidades locais ou regionais; governos locais; o sector público; o sector privado. Para além de serviços prestados a destinatários bem definidos, há também toda uma outra área de prestação de serviços que tem a sociedade em geral como destinatária. A título de exemplo: “incubação” da inovação; promoção da cultura científica e técnica; atividades culturais no domínio das artes e da literatura (SANTOS, 2008, p. 66).

Algumas características intrínsecas às atividades de extensão ou exemplos desse tipo de atividade, conforme o entendimento dessas duas fontes, são:

- a. utilização das potencialidades da universidade, no que ela tem de próprio (ensino e pesquisa) para o desenvolvimento de atividades voltadas à comunidade externa, que não se relacionem ao fornecimento de diplomas e títulos, nem necessariamente às atividades regulares de pesquisa científica e tecnológica ou às criações culturais de fronteira;
- b. realização de atividades que envolvam a comunidade acadêmica, voltadas à comunidade externa, que tenham impacto direto no desenvolvimento tecnológico, social, econômico ou cultural da sociedade, com ênfase na comunidade regional;
- c. realização de atividades que envolvam a comunidade acadêmica, voltadas à comunidade externa, que representem uma “mão-dupla” – no sentido de levar à sociedade a elaboração/produção prática derivada de conhecimentos acadêmicos; e de gerar ganhos acadêmicos para a universidade, na forma de novas metodologias, conhecimento real dos problemas sociais, experiência profissional para professores e estudantes, desenvolvimento de procedimentos e normas técnicas, monografias, dissertações e teses, artigos científicos, patentes e outras modalidades de propriedade intelectual;
- d. realização de atividades de prestação de serviços especializados que envolvam a comunidade acadêmica, voltadas à comunidade externa, como produto de interesse acadêmico, científico, filosófico, tecnológico e artístico do ensino, pesquisa e extensão;
- e. realização de atividades de colaboração com o setor produtivo por meio de consultoria, ensaios, desenvolvimento de produtos e patentes;
- f. disponibilização de serviços de apoio ao estudante, como estágios, bolsa de trabalho, orientação profissional ou empreendedora etc.;
- g. execução de projetos/programas de caráter permanente, voltados à comunidade externa, não necessariamente de interesse acadêmico imediato ou específico, mas que utilizem sua competência para atender a necessidades científicas, tecnológicas, culturais ou artísticas da sociedade.

Entendido o conceito de extensão universitária, é pertinente deixar claro que existe uma distinção entre esse tipo de extensio- nismo e a extensão tecnológica. De acordo com os especialistas, a extensão tecnológica pode e deve ser assumida pelas univer- sidades, embora esteja mais intimamente relacionada aos institutos tecnológicos dedicados ao Ensino Médio técnico e Superior e à prestação de serviços tecnológicos, que não necessariamente incluem o avanço do conhecimento.

As atividades e técnicas de extensão tecnológica situam-se no contexto dos programas de difusão tecnológica, conforme o Manual de Oslo (OCDE), envolvendo um conjunto de ações simples, de baixo custo, e de alto impacto nos processos de produção

e na revisão ou aperfeiçoamento de produtos das micro, pequenas e médias empresas. Hoje, o conceito de extensão tecnológica mais utilizado baseia-se nas diretrizes do referido manual e na relativamente escassa produção bibliográfica disponível. Barreiro e Turra (2005) a definem como um conjunto de ações que levem à identificação, à absorção e à implementação de tecnologias, mesmo aquelas conhecidas e estabelecidas, neste caso tido como boas práticas; provendo o cliente, na forma de programas, de informações técnicas, serviços e recomendações.

Este é também o conceito adotado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) no Sistema Brasileiro de Tecnologia (Sibrattec), que tem como um dos eixos a extensão tecnológica. O MCT, entretanto, enfatiza o modelo de extensionismo tecnológico que obrigatoriamente inclui a prospecção ou a visita técnica direta nas micro e pequenas empresas para a elaboração do diagnóstico básico, que tem como consequência imediata a proposição de soluções simples e de baixo custo; e a utilização de metodologias já reconhecidas e validadas.

De forma geral, essas metodologias focam o desenvolvimento e a capacitação em “boas práticas” fabris, objetivando a minimização de pontos fracos (redução de vulnerabilidades) e a maximização dos pontos fortes – não do ponto de vista gerencial, mas tecnológico. É possível deduzir, dessas considerações, que a extensão tecnológica pode se tornar uma modalidade da extensão universitária, nos casos em que a universidade venha a desenvolver um programa com essas características. Mas ambas não devem ser confundidas.

De todo modo, tanto uma modalidade quanto a outra se revelam primordiais no debate acerca do papel da universidade frente à realidade do país. A interação entre universidade e iniciativa privada pode trazer grandes benefícios tanto para um quanto para outro. Seja por meio da extensão universitária ou da extensão tecnológica, a interação entre microempresários, e empreendedores em geral, e estudantes, pesquisadores e professores se constitui como um dos grandes desafios para as universidades. Segundo Maciel (2011):

Para as empresas, a transferência de tecnologia é um dos principais instrumentos para o aumento de sua competitividade. Para a universidade, a possibilidade de aplicar as pesquisas produzidas configura-se como espaço privilegiado de aprendizagem, investigação e descoberta e, ainda, consiste em importante fonte de captação de recursos. (...) Outro ponto que merece destaque com relação à iniciativa privada refere-se ao potencial da universidade em contribuir com o desenvolvimento e apoio de micro e pequenas empresas, que apresentam deficiências em diversas áreas, tais como tecnologia, produção, finanças, capacitação de recursos humanos, comercialização, entre outras. Para superarem seus problemas estruturais, as pequenas empresas necessitam de soluções sistêmicas que promovam a evolução do seu patamar operacional como um todo, e as universidades certamente podem contribuir com a superação dessa realidade (MACIEL, 2011, p. 8-9).

A EXTENSÃO E OS PROJETOS DO CDT/UNB

O Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB) criado em 1986, unidade gestora responsável pela transferência de tecnologia, prestação de serviços tecnológicos e promoção da interação da universidade com organismos da sociedade civil. Este Centro é também o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da UnB, responsável pela proteção do conhecimento gerado na universidade e sua transferência para o mercado, seja na forma de licenciamentos de ativos protegidos, seja na geração de projetos cooperativos de pesquisa e desenvolvimento, ou ainda, por meio de consultorias e serviços tecnológicos.

Suas ações são subdivididas em quatro eixos de atuação, conforme Figura 1:

Os programas, produtos e serviços do Centro, apresentados na Figura 1, apoiam o desenvolvimento de projetos de pesquisa e a criação de novos negócios, estimulando o potencial empreendedor e

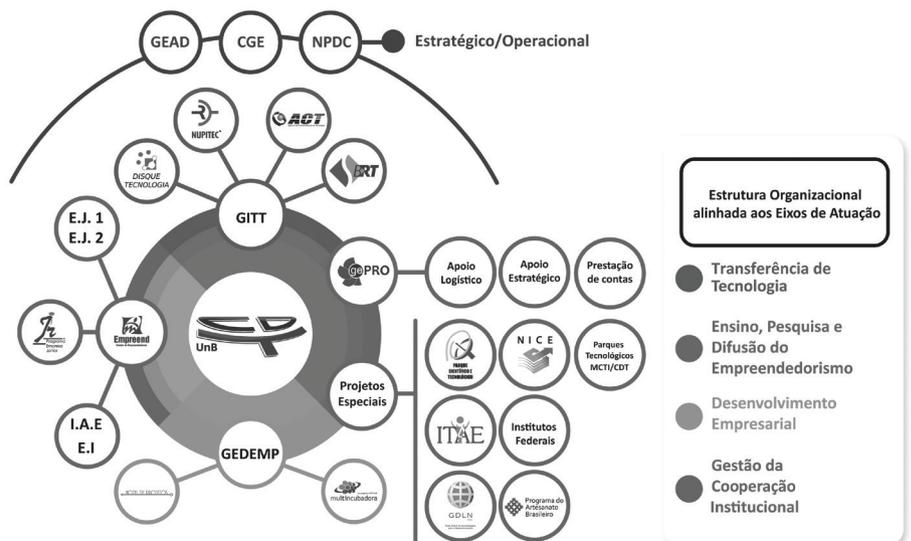


Figura 1. Eixos de atuação do CDT

desenvolvendo parcerias estratégicas. Dentro destes, diversas são as ações promotoras e executoras de atividades de extensão em suas diversas modalidades, conforme descrito a seguir.

No eixo de Desenvolvimento Empresarial, são desenvolvidos os programas Multincubadora de Empresas e Hotel de Projetos com o objetivo de estimular a criação e o desenvolvimento de empreendimentos em âmbito local, através de ações e serviços que contribuam para o sucesso destes negócios, assim como para o fomento tecnológico, desenvolvimento econômico, autossustentabilidade regional e inclusão social.

Esses programas oferecem aos novos empreendedores assessoria técnica e consultoria, cursos de capacitação, rede de contatos e infraestrutura compartilhada. Desta forma, os programas visam gerar um impacto direto no desenvolvimento tecnológico e econômico regional ao apoiar a criação e o desenvolvimento pleno de novos empreendimentos. A Multincubadora de Empresas atua com diferentes públicos, a partir de três modalidades principais:

- a. Incubadora de Empresas de Base Tecnológica é voltada para um público de pesquisadores, estudantes e profissionais interessados em constituir um negócio a partir de produtos ou serviços que possuem como característica principal a inovação.
- b. Incubadora Social e Solidária visa apoiar empreendimentos autogestionários de trabalhadores em situação de vulnerabilidade socioeconômica, a partir dos princípios da Economia Solidária.
- c. Incubadora de Arte e Cultura tem foco nos empreendimentos artístico-culturais da cidade. Os empreendimentos apoiados são, em geral, coletivos, e possuem também, como marca, propostas inovadoras dentro de sua área.

Na assessoria a estes empreendimentos, o CDT busca atuar tanto com técnicos já colocados no mercado, quanto com estudantes de graduação ou de pós-graduação. A partir do contato dos estudantes com esses técnicos e os próprios empreendimentos, a vivência na incubadora permite uma prática formativa diferenciada, habilitando e capacitando o estudante na atuação como empreendedor e como cidadão.

No eixo Gestão da Cooperação Institucional, o CDT desenvolve metodologias de gestão de projetos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação (P&D&I), desenvolvidos em parceria com outras instituições públicas e empresas privadas. Todos os projetos envolvem professores e técnicos da universidade e se caracterizam como atividade complementar de pesquisa. O Centro apoia a comunidade universitária, portanto, como atividade interna complementar à pesquisa já desenvolvida pela comunidade acadêmica. Conforme as definições anteriores, não se pode caracterizar atividades voltadas ao apoio da comunidade interna como extensão.

O Eixo de Transferência de Tecnologia envolve o programa Disque Tecnologia, o Núcleo de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia e o Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas. O Disque Tecnologia é um programa que pode ser caracterizado como de extensão universitária, com algumas características de extensão tecnológica. Não se enquadra propriamente como extensão tecnológica por não incluir visitas técnicas e diagnóstico direto nas empresas, nem utilizar metodologias específicas dessa atividade, mas por ter como objetivo o atendimento a demandas tecnológicas de micro e pequenas empresas, guarda alguma afinidade com o extensionismo tecnológico. Importante frisar, ainda, no que se refere a este programa, que a prestação de serviços técnicos especializados, realizada pelo corpo docente da UnB, é remunerada com a inclusão dos custos diretos e indiretos, contemplando ainda as despesas operacionais necessárias para a gestão dos contratos e da execução dos serviços, de forma a não caracterizar concorrência com o mercado na forma de *dumping*.

Já o Núcleo de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (Nupitec) é um programa permanente da UnB, com características tanto de extensão universitária como de atividade de apoio à pesquisa, uma vez que é voltado ao atendimento da comunidade acadêmica para proteção dos resultados de pesquisas desenvolvidas na universidade. Porém, também se define como extensão, uma vez que promove a transferência desses conhecimentos novos para a sociedade, na forma de produtos e processos inovadores.

O projeto Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas (SBRT), como diz o próprio nome, tem como principal objetivo fornecer respostas técnicas, via *web*, para empreendedores externos à universidade, utilizando conhecimentos de especialistas da academia.

No eixo Ensino, Pesquisa e Difusão do Empreendedorismo, o CDT desenvolve o programa Empresa Júnior (Pró-Júnior) apoiando a criação e o desenvolvimento de empresas juniores. Esta pode também ser caracterizada como uma atividade de extensão, pois as empresas oferecem serviços de qualidade de menor custo à população, possuindo ainda forte inserção do ensino, uma vez que tem como suporte duas disciplinas acadêmicas específicas para empresários juniores (*Empresa Júnior 1 e Empresa Júnior 2*).

Este programa é executado pela Escola de Empreendedores (Empreend) que oferece disciplinas de graduação e cursos e eventos de extensão para difundir o espírito empreendedor entre os alunos e a comunidade externa à UnB. Ainda neste âmbito de atuação, o CDT desenvolve projetos de pesquisa na área de inovação e empreendedorismo, por meio de um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. A Escola possui atividades cujas características permeiam à tríade ensino, pesquisa e extensão, realizando ações relacionadas aos três aspectos e envolvendo a comunidade acadêmica e a comunidade externa.

Também neste eixo, situa-se o projeto do laboratório de Inovações Tecnológicas para Ambientes *Experience* (Itae) pesquisando e desenvolvendo conteúdos digitais e soluções interativas que estimulam as habilidades empreendedoras. Este também é um programa que integra ensino, pesquisa e extensão, uma vez que é voltado para a formação e capacitação em habilidades empreendedoras, com base na pesquisa de metodologias e formatos que empreguem novas tecnologias, com foco tanto em empreendedores da comunidade interna como da externa.

RESULTADOS DE EXTENSÃO DO CDT/UNB

Levando em consideração as atividades de extensão desenvolvidas, o CDT alcançou resultados expressivos especialmente na consolidação do novo conceito extensão no âmbito da Universidade de Brasília, focado na oferta de produtos e serviços de tecnologia e inovação em contrapartida ao modelo tradicional de extensão. Parte destes resultados foi publicada no Anuário Estatístico da Universidade de Brasília até o ano de 2008 (MIZUNO, 2010) e encontra-se descrita a seguir.

No que diz respeito aos resultados dos programas Multincubadora de Empresas e Hotel de Projetos, o CDT atualmente apoia 14 empresas de base tecnológica incubadas e 19 pré-incubadas, graduou 52 empresas com sua inserção no mercado e tem 2 como associadas. Na modalidade de arte e cultura, existem 11 projetos incubados, e na área social e solidária, existem 10 empreendimentos sendo apoiados e 30 com apoio consolidado. Os atendimentos prestados refletiram em efetivo impacto na economia e sociedade local com a geração de postos de trabalho, inserção de produtos e serviços inovadores e a capacitação profissional. Além destas empresas, a equipe realiza um projeto de extensão tecnológica, em parceria com o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), como ferramenta de apoio à formalização e estruturação de empreendimentos do DF e Entorno, tendo atendido até o momento 2.673 pessoas por meio de capacitações, consultorias, informações técnicas, eventos e outros tendo como previsão de atendimento 8.067 pessoas até o ano de 2012.

Por meio das empresas destes programas, foram gerados mais de 500 produtos e serviços novos e mais de 1.500 novos empregos. Além disso, a taxa de sucesso de empresas apoiadas pela incubadora gira em torno de 80%, valor alto quando comparado ao de empresas sem apoio.

Em 2010, o Disque Tecnologia realizou 2.500 atendimentos e executou 53 projetos de P&D, enquanto o Nupitec atendeu a 300 pesquisadores da UnB contando com dez ativos tecnológicos protegidos. Além disso, o SBRT disponibilizou um total de 2511 respostas técnicas.

Com relação ao programa Empresa Júnior, a UnB conta com 25 EJs de variados cursos, sendo 13 conveniadas ao CDT, 7 em processo de convênio e 5 em processo de formação. Nas disciplinas, o Pró-Júnior atendeu 986 alunos em EJ1 e 440 em EJ2, capacitando-os para que pudessem melhor gerenciar suas empresas e atender à sociedade com maior qualidade.

A Escola de Empreendedores capacitou mais de 5 mil pessoas por intermédio dos cursos de extensão. Atualmente está sendo ofertado um curso de Gestão Empreendedora na modalidade a distância para 270 micro e pequenos empresários da Região Centro-Oeste e do Tocantins, no âmbito de projeto em parceria com o CNPq, no qual ainda serão ofertados mais sete cursos nos temas relacionados ao empreendedorismo e à inovação, com previsão de capacitação de 1.200 empreendedores. Além dos cursos, a Empreend atendeu 10.263 pessoas em eventos promovidos, como por exemplo, a Estação Empreendedorismo, a Semana do Empreendedor e a Rede de Oportunidades e Negócios.

O Itae desenvolveu novas metodologias, como o jogo Memória Empreendedora, realizando mais de 6 mil atendimentos, entre alunos, professores, técnicos de outros órgãos da administração direta e indireta e membros da comunidade externa.

Por fim, no ano de 2010, o CDT, por intermédio dos projetos e programas desenvolvidos e que permeiam a tríade ensino, pesquisa e extensão, prestou 49.952 atendimentos a professores e estudantes da UnB, empresários, novos empreendedores e comunidade em geral.

CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo contribuir para a reflexão do papel da academia como artífice modificador da sociedade, exemplificando como as atividades do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília atuam como extensão universitária e tecnológica e impactam positivamente na sociedade. Para isso, tomou-se como base o conceito de extensão universitária do Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), que a define como um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa, transformando a sociedade e a própria universidade; e de extensão tecnológica do Manual de Oslo (OCDE), que a entende como ações de extensão tecnológica que identificam, absorvem e implementam tecnologias, disponibilizando informações técnicas, serviços e recomendações.

A partir destes conceitos, as ações de extensão tecnológica do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília, por intermédio de seus programas e projetos, mais especificamente – Multincubadora de Empresas, Hotel de Projetos, Disque Tecnologia, Núcleo de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia, Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas, Programa Empresa Júnior, cursos e eventos da Escola de Empreendedores e laboratório de Inovações Tecnológicas para Ambientes *Experience* – formam um conjunto de atividades de extensão tanto universitária quanto tecnológica. Estas impactam de maneira direta e indireta na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de novos produtos/serviços, a disponibilização destes no mercado, o desenvolvimento empresarial e a capacitação da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo quanto ao empreendedorismo e à inovação, aspectos que por si só são agentes de mudança.

Por fim, a intenção do presente trabalho é a de demonstrar a característica precípua de extensão nas suas diversas vertentes desenvolvidas pelo CDT. Não excluindo as modalidades tradicionais de extensão universitária, o Centro na qualidade de NIT tem como foco principal a promoção do desenvolvimento científico, tecnológico e inovação no âmbito da Universidade de Brasília, com resultados significativos para a comunidade acadêmica e impactando positivamente na sociedade e na economia local.

Ao desenvolver essas ações, o CDT tem buscado ajudar a Universidade de Brasília a cumprir seu papel e a enfrentar seus desafios. Ser uma instituição que possui a inovação introjetada na alma envolve grandes realizações, envolve um estado de espírito inquieto. Tal como a UnB, e por ser parte desta, o CDT é assim. Ao tentar responder a essa inquietude, o CDT busca efetivar sua vocação extensionista. Por entender que a universidade não pode deixar de dialogar com a sociedade, ao cristalizar em suas ações a responsabilidade social, cultural e científica da universidade, o CDT busca ampliar suas ações e inovar sempre. Inovar, ao mesmo tempo imprescindível, exige adaptabilidade, eventualmente encontra barreiras institucionais e burocráticas. É por isso que também exige criatividade, responsabilidade. Como disse o grande mestre Darcy Ribeiro: “Importante é que não se perca a liberdade de tentar acertar por diversos caminhos. A responsabilidade de ousar. O direito de errar”. O CDT, a cada momento, busca construir pontes nas quais esses caminhos possam ser trilhados por estudantes, técnicos e professores. E por isso é que este centro tem contribuído tanto para a Universidade de Brasília e pode contribuir ainda mais nos próximos cinquenta anos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)*. Lei nº 9.394/1996, 1996.

MACIEL, Lucas Ramalho. *Política Nacional de Extensão: perspectivas para a universidade brasileira*. Brasília, 2011.

MIZUNO, E. T. V. R. *Anuário estatístico 2008: 2003-2007*. Disponível em: <<http://www.spl.unb.br/Dados/anuario2008/Anuario2008.pdf>>.

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Manual de Oslo: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação*. 3. ed., 2006.

BRASIL. *Plano Nacional de Extensão Universitária (Pneu)*. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para que?* Brasília: UnB, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa; FILHO, Naomar de Almeida. *A universidade do século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra, 2008.

SILVA FILHO, R. L. L. e. *A Extensão Universitária: definição, propósitos, estratégias e ferramentas*. Disponível em www.loboeassociados.com.br.

TURRA, F. A.; BARREIRO, J. H. de L. C. D. Em estudo exploratório sobre extensão tecnológica: suas bases e fundamentos para a gestão de políticas públicas. SEMINÁRIO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTIÓN TECNOLÓGICA, 11. Altec. Salvador/BA. 2005.

Recebido em março de 2012

Aprovado em junho de 2012

Pedro Henrique Isaac é mestre, graduado em Sociologia e coordenador da Incubadora Social e Solidária do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT/UnB), pedro@cdt.unb.br

Luis Afonso Bermúdez é professor doutor, titular da UnB e diretor do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT/UnB), bermudez@cdt.unb.br

Marina Campos Dessen é professora doutora, visitante e coordenadora da Escola de Empreendedores do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB), marina@cdt.unb.br

Anne Augusta Affiune é coordenadora de gestão estratégicas de projetos do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT/UnB), anne@cdt.unb.br